

Gonçalo Miller Guerra, sj

Charles de Foucauld

Esvaindo-se em caridade



EDITORIAL AO

Capa
Romão Figueiredo

Paginação
Editorial AO

Impressão e Acabamentos
Sersilito – Empresa Gráfica

Depósito Legal n.º
554343/25

ISBN
978-972-39-1028-5

Outubro de 2025

Com todas as licenças necessárias

©
SECRETARIADO NACIONAL DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO
Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA | Tel.: 253 689 443
www.redemundialdeoracaodopapa.pt/livraria | livros@rmop.pt

Introdução

As pessoas são muito estimuladas pelos exemplos dos que vieram antes delas. Os exemplos provam que «é possível». Por exemplo, ter batido um *record* desportivo prova que é possível ir mais além e isso entusiasma outros a uma entrega excecional, durante milhares e milhares de horas, para superarem aquele *record* em menos um segundo ou ainda menos.

Um santo mostra-nos que viver segundo o amor de Deus em nós é possível. Às vezes, erradamente, concentramo-nos no que determinado santo fez de excecional. O excecional é precisamente isso: excecional. Não é para nós; é inimitável. O que é para nós é amar com toda a intensidade de que formos capazes.

O que mais me impressiona em Foucauld é a sua entrega à morte pela fome para

que absolutamente todos os alimentos que possuía fossem dados aos seus irmãos com fome. É um gesto impressionante que não seria possível sem todos os gestos da sua vida até aí. Foi o fruto natural da sua maneira de viver até ali.

Foucauld nasceu com algumas qualidades de relacionamento notáveis, tal como uma imensa delicadeza e generosidade. Nasceu também com uma ânsia de realização total. O seu lema poderia ser: «Ou tudo ou nada». Assim que se converteu, pensou que tinha de se entregar a Cristo radicalmente. Esta entrega ao Deus de amor – ao Deus que é o Amor – levou-o naturalmente a uma entrega radical aos irmãos.

Nós – o leitor e eu – não somos chamados a imitar isto.

Somos, sim, chamados a imitar o amor de Foucauld a Deus e, implicitamente, ao próximo e a si mesmo todos os minutos da sua vida. Foucauld amou-se radicalmente

Introdução

porque se fez capaz de viver de uma maneira que o realizou totalmente e lhe deu uma felicidade e uma paz plenas. Amarmos-nos é cumprirmos radicalmente a nossa vocação. No meio de muito sofrimento ou de muito prazer. Isso não interessa nada. O que interessa é fazermos desabrochar a nossa vocação radicalmente, até ao fim, até não conseguirmos dar mais. (Foi isto mesmo que Foucauld expressou quando se pôs como objetivo «esvair-se em amor»). Só assim alcançaremos a serenidade, só assim o nosso espírito encontrará descanso, só isso nos dará a sensação de vivermos «noutra dimensão», só assim encontraremos o (possível) Céu na Terra.

Imitar um santo não é reproduzir a sua vida, é perceber como é que ele chegou a santo. É, também, assimilarmos o que nos ensinou o Papa Francisco, que a santidade está ao alcance de todos. É pensarmos «eu também posso desenvolver todo o meu po-

tencial». Um santo é uma pessoa que realiza todo o seu potencial espiritual, o que implica o uso de todo o potencial emocional e racional.

Se aprendermos como se faz, se nos formos treinando, com a ajuda de pessoas especializadas que a Igreja formará, se a hierarquia da Igreja nos for orientando, quando o nosso irmão precisar damos a camisa, porque isso já nos está no sangue.

As vidas dos santos, as vidas das pessoas que alumiam o nosso caminho deverão relatar cada vez mais os seus pequenos gestos, as suas motivações, as suas vitórias e fracassos, as suas hesitações, dúvidas e tentações, para que possamos aprender com eles. Para que, ao desanimarmos, possamos dizer: «P'rá frente. Ele também desanimou. Ele também duvidou. Ele também retrocedeu». A vida de um santo não é como o voo de um avião. É mais como o andar de um jipe, ora atascado, ora na estrada de alcatrão.

Introdução

Muito se tem escrito sobre a graça: a ação de Deus em nós.

Há que escrever mais sobre a ação de nós (humanos) em nós mesmos, quer dizer, como é que nos abrimos à graça quando festejamos, quando trabalhamos, quando nos relacionamos, quando temos prazer ou dor. Os sacramentos, a vida litúrgica e de piedade, a graça de um modo geral poderia ter muito mais repercussões em nós se soubéssemos colaborar com ela. Para isso precisamos da orientação da Igreja.

Dizer que um santo o foi porque se abriu à graça não chega. É como dizer: «São Francisco lia muito bem». Se não ensinarmos os crentes a ler, ninguém o poderá imitar. É preciso explicar como é que o fez, porque precisamos de exemplos inspiradores, mais, orientadores para as nossas ações de todas as horas, de todos os dias, de todos os anos, de toda uma vida. De exemplos que nos façam dizer: «Isto é

possível!». E não pensar que o que os santos fizeram não está ao alcance de todas as pessoas. Está e a Igreja tem de ensinar como. Concretamente. Ao merceeiro e ao corredor de Fórmula 1.

Na vida já nos ensinam muitas coisas. Cada vez mais e cada vez mais eficazmente. Isso é ótimo. Agora temos – nós, cristãos – de aprender a ensinar a amar o irmão. (Como é que se faz na família, quanto aos amigos e a todas as pessoas com quem nos cruzamos.) A maior parte das pessoas tem (muito) boa vontade, mas são como ovelhas sem pastor. Uma nova era se abre para a Igreja: a era do segundo mandamento efetivamente atuante, efetivamente aplicado nas 24 horas do dia, decorrente da vivência do primeiro.

Que São Charles de Foucauld ajude a Igreja nesta tarefa imensa.

Capítulo 1

Foucauld nasce e fica órfão

Sob o signo da desgraça

Charles Eugène de Foucauld de Pontbriand, visconde De Foucauld, nasceu em Estrasburgo, França, a 15 de setembro de 1858. Ficou sem pais muito pequeno. A sua mãe, Elisabeth Beaudet de Morlet, era uma mulher muito piedosa, rica e benfazeja, com alguns antepassados ilustres. Casou em 1855, aos 26 anos, com o visconde Édouard de Foucauld, aristocrata sem recursos condizentes com a sua posição social. Era Subinspetor das Águas e Florestas na zona de Estrasburgo, função que alguns antepassados já tinham desempenhado. O casamento juntou duas pessoas muito diferentes, mas que se amaram. Elisabeth

era uma pessoa melancólica, introvertida, muito religiosa, sem nenhuma beleza extraordinária, com uma expressão algo triste e muito terna. Édouard era um homem garboso, loiro, muito atraente, sedutor mesmo, com uma juventude cheia de patuscadas bem regadas, amante da caça mais que do trabalho esforçado, para o qual, de resto, não tinha muitos estudos e, como tal, não podia ter um grande ordenado. Em 1861, três anos depois de Charles, nasceria a sua irmã Marie¹.

Em 1863, o pai das duas crianças, atingido por uma depressão profunda e que estava a causar mau ambiente em casa, refugiava-se em casa da irmã, Inès de Moitessier, em Paris. Aqui a doença mental agrava-se, a ponto de Édouard já não reconhecer os parentes. Entretanto, o avô paterno

¹ Como alguns dos nomes que aparecerão nesta biografia não têm tradução para português, optámos por não traduzir nenhum.

de Charles e Marie morrerá de desgosto nesse ano, primeira perda para os irmãos. A segunda foi a da mãe, que morrerá no ano seguinte, na sequência de um aborto espontâneo, pois que numa visita a Paris se entregara ao marido, na esperança de o fazer voltar a si. Cinco meses depois, em agosto, morrerá o marido viúvo. Mas o sol ainda não estava para se levantar na noite que tinha vestido aquela família de preto. A seguir será a vez da viscondessa Armand de Foucauld, avó paterna de Charles, entregar a sua alma a Deus aos 64 anos, ela a quem o cuidado dos netos tinha sido entregue.

Finalmente, a tranquilidade

Eis, portanto, Charles e Marie órfãos de pais e de avós paternos. Como é natural, foram recolhidos pelo avô materno, o Coronel Morlet, de 68 anos, que um conselho de família nomeou tutor. Este avô era um

homem extraordinariamente culto e um grande oficial, quase um génio. Em 1852, tinha casado em segundas núpcias com Amélie de Latouche, com quem acolheu, em Estrasburgo (Norte de França), os dois irmãos e a quem o casal dedicou todo o seu amor e mimo. Charles era um aluno trabalhador, muito inteligente e vivo, com uma grande curiosidade por tudo, no entanto, meditabundo e introvertido. Era em geral calmo mas, de quando em quando, acometido de ataques de raiva muito violenta, sem causa aparente, exteriorização da dor que sentia pela morte dos quatro parentes. Aquando no liceu, começou a trabalhar apenas o estritamente necessário para não contristar os avós.

Marie de Moitessier

Com dez anos, conheceu uma prima a quem se ligou muitíssimo e que será sua

confidente toda a vida. Era ela Marie de Moitessier. Conheceram-se no grande castelo da família de Marie, em Louye, para onde iam no verão. Estávamos em 1868. A sua ligação a Marie, oito anos mais velha, tornar-se-ia quase filial. Marie tinha uma personalidade «discreta, a um tempo imperiosa e terna, reservada e audaciosa»². Tinha um porte aristocrata, era muito piedosa, gostava da natureza e de música. Instilou em Charles, aos dez anos, o gosto pela leitura e ensinou-lhe italiano. E, facto que originará uma das bases da espiritualidade de Charles, deu-lhe a conhecer a devoção ao Coração de Jesus.

² Jean-Jacques Antier – *Charles de Foucauld*. Editora Perrin, 2019, pág. 23. (Tradução minha.)

Guerra entre a França e o Reino da Prússia

Entretanto, andavam no ar ventos de guerra entre a França e o Reino da Prússia, que terá lugar entre 1870 e 1871. Como Estrasburgo era uma cidade fronteiriça com o então Reino Prussiano (que integrará a futura Alemanha), o avô de Charles muda-se com a família para Rennes, cidade do lado atlântico de França, lado oposto a Estrasburgo. Na sequência da guerra, a Prússia ocupa a França e os Morlet mudam-se para Berne, Suíça, de onde voltariam para Nancy (sudoeste de Estrasburgo). Aos treze anos, Charles começa a interessar-se muito pelos antigos volumes da biblioteca do primo Lagabbe e pouco pelas brincadeiras próprias da idade. Em outubro de 1871 matricula-se no Liceu de Nancy, desfruta das aulas e gosta dos professores.

Índice

<i>Introdução</i>	7
1. Foucauld nasce e fica órfão	13
2. No meio do deboche, uma delicadeza imensa	19
3. Entre o luxo e o deserto	27
4. Grandes preparativos	35
5. Venham de lá os Franceses	43
6. Vitória	51
7. Está quase	61
8. Finalmente	69
9. O sacrifício maior de toda a vida de Foucauld	77
10. Charles de Foucauld, monge trapista	85
11. Enfim, em Nazaré	93
12. Um visconde sacerdote	101
13. De novo no deserto	109
14. Em pleno deserto, em pleno trabalho ...	117
15. O homem a quem os bandidos beijavam as pontas da túnica	127

Charles de Foucauld

16. Charles encontra o lugar com que sempre sonhou	139
17. A poetisa	145
18. Escutar, respeitar, amar e deixar-se amar	153
19. Um halo dourado à volta de Foucauld ..	161
20. Paixão e Céu	171
<i>Índice</i>	179